

Os limites do corpo na travessia da fantasia

Ingrid Figueiredo

Resumo

Este artigo interroga os limites do corpo na clínica psicanalítica no momento de travessia da fantasia fundamental, fantasia que porta uma significação fálica e um valor de verdade para o analisante. Fantasia que vela o real. Quais efeitos esse momento crucial pode produzir no corpo do analisante? E se esse sujeito já é portador de um fenômeno psicossomático, quais os efeitos nesse corpo? Parto da hipótese de que, se o analisante é portador de um fenômeno psicossomático, este pode sofrer um agravamento nesse atravessamento. Esse agravamento pode constituir-se como uma resposta para a angústia, que é inevitável nesse momento. Então, qual a direção de tratamento possível nesses casos? Seria por meio da nomeação? Neste artigo, há uma aposta em pensar na direção de tratamento nesse momento de travessia, pela via da lógica paraconsistente, de modo a produzir um nome de modo contingencial, que dê conta de amarrar a angústia e fazê-la falar. Assim, parece possível seguir a análise pela via da interpretação, de modo a operar com a lógica paracompleta por meio de um desnodamento, de uma suspensão de sentido e de uma possibilidade de sustentar um indecível quanto à verdade mentirosa da fantasia.

Palavras-chave:

Corpo; Fantasia; Fenômeno psicossomático; Nomeação; Interpretação.

The limits of the body when crossing fantasy

Abstract

This article interrogates the limits of the body in the psychoanalytic clinic when crossing the fundamental fantasy, a fantasy that carries a phallic meaning and a truth value for the analysand. Fantasy that veils the real. What effects can this crucial moment have on the analysand's body? And if this subject already has a psychosomatic phenomenon, what are the effects on this body? I start from the hypothesis that, if the analysand has a psychosomatic phenomenon, he or she may suffer a worsening during this transition. This worsening may be a response to the anguish that is inevitable at this moment. So, what is the possible direction of treatment in these cases? Would it be through appointment? In this article, there is a focus on thinking about

the direction of treatment at this moment of crossing, through paraconsistent logic, in order to produce a name in a contingent way, which can tie up the anguish and make it speak. Thus, it seems possible to follow the analysis through interpretation, in order to operate with paracomplete logic through a decoupling, a suspension of meaning and the possibility of sustaining an undecidable as to the lying truth of the fantasy.

Keywords:

Body; Fantasy; Psychosomatic phenomenon; Nomination; Interpretation.

Los límites del cuerpo al cruzar la fantasía

Resumen

Este artículo interroga los límites del cuerpo en la clínica psicoanalítica en el momento de travesía de la fantasía fundamental, fantasía que conlleva un significado fálico y un valor de verdad para el analizante. Fantasía que vela lo real. ¿Qué efectos puede tener este momento crucial en el cuerpo del analizante? Y si este sujeto ya tiene un fenómeno psicossomático, ¿cuáles son los efectos en este cuerpo? Parto de la hipótesis de que, si el analizante tiene un fenómeno psicossomático, puede sufrir un empeoramiento durante esta travesía. Este empeoramiento puede ser una respuesta a la angustia que es inevitable en este momento. Entonces, ¿cuál es la posible dirección del tratamiento en estos casos? ¿Sería mediante la nominación? En este artículo, se centra en pensar la dirección del tratamiento en este momento de travesía, a través de una lógica paraconsistente, para producir un nombre de manera contingente, que pueda atar la angustia y hacerla hablar. Así, parece posible seguir el análisis a través de la interpretación, para operar con una lógica paracompleta a través de un desacoplamiento, una suspensión del significado y la posibilidad de sostener un indecible en cuanto a la verdad mentirosa de la fantasía.

Palabras clave:

Cuerpo; Fantasma; Fenómeno psicossomático; Nominación; Interpretación.

Les limites du corps au croisement du fantasme

Résumé

Cet article interroge les limites du corps dans la clinique psychanalytique au moment de traversée le fantasme fondamental, un fantasme porteur d'un sens phallique et d'une valeur de vérité pour l'analysant. Fantasme qui voile le réel. Quels effets ce moment crucial peut-il avoir sur le corps de l'analysant ? Et si ce sujet pré-

sente déjà un phénomène psychosomatique, quels sont les effets sur cet corps ? Je pars de l'hypothèse que, si l'analysant présente un phénomène psychosomatique, il peut subir une aggravation lors de cette traversée. Cette aggravation pourrait être une réponse à l'angoisse inévitable en ce moment. Alors, quelle est la direction possible du traitement dans ces cas-là ? Serait-ce sur la nomination ? Dans cet article, l'accent est mis sur la réflexion sur la direction du traitement à ce moment de traversée, à travers une logique paraconsistente, afin de produire de manière contingente un nom, qui puisse ficeler l'angoisse et la faire parler. Ainsi, il semble possible de suivre l'analyse par l'interprétation, afin d'opérer avec une logique paracomplète à travers un découplage, une suspension de sens et la possibilité de soutenir un indécidable quant à la vérité mensongère du fantasme.

Mots-clés :

Corps ; Fantasme ; Phénomène psychosomatique ; Nomination ; Interprétation.

O tema do XXII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano de 2022, “A psicanálise e as paixões do ser: amor, ódio, ignorância”, ocupou, para mim, um lugar de causa, no sentido de seguir interrogando sobre o lugar das paixões na clínica psicanalítica e, especialmente, nos momentos de travessia da fantasia fundamental ($\$ \diamond a$) em um percurso de análise. Que efeitos esse momento crucial pode produzir no corpo do analisante? E especialmente em analisantes portadores de um fenômeno psicossomático? Tenho como hipótese que o desencadeamento, ou o agravamento, do fenômeno psicossomático é um desses efeitos, como resposta à angústia, que pode ser manifestada por esse momento de encontro com o real.

Primeiro, faz-se necessário abordar o que é a fantasia fundamental e sua travessia em uma análise para, posteriormente, abordar o fenômeno psicossomático e, por fim, um pouco sobre a lógica e a interpretação poética.

Segundo Gianesi (2011), Lacan articulou o objeto *a* implicado na causação do sujeito, de modo a situar a fantasia como causa do sintoma. Apontou uma dimensão simbólica articulada ao objeto *a*, o qual não é um significante, já que não funciona como tal em oposição a outro significante. O objeto *a* está articulado com a dimensão da escrita, sendo idêntico a si mesmo, e, como efeito do significante, temos o $\$ \diamond a$, e o objeto *a* como produto do significante. A escrita da fantasia apresenta-se como $\$ \diamond a$, na qual há um encobrimento do objeto *a*.

Para abordar a fantasia, Lacan retomou o texto “Bate-se numa criança”, no qual Freud (1919/1969) estabeleceu os três tempos da fantasia e seguiu a assertiva de que a fantasia não pode ser interpretada, e, sim, construída. O primeiro tempo diz respeito à punição de uma criança (em geral, o irmão): “Meu pai bate em

uma criança que é a criança que eu odeio”; o segundo tempo, que é o da própria construção da fantasia, refere-se a uma relação dual e ambígua entre o sujeito e aquele que o espanca: “Eu sou espancado pelo meu pai”, o que está implicado no masoquismo originário; e, como terceiro tempo, o sujeito aparece como observador, mas a fantasia final passa por uma dessubjetivação, pois o sujeito é indeterminado, de modo que se apresenta reduzido ao último ponto do objeto: “Uma criança é espancada” (Gianesi, 2011). Assim, “a fantasia fixa o sujeito no ponto em que a significação está perdida” (Gianesi, 2011, p. 193), de modo a permitir o comparecimento dos protótipos do objeto *a*, os objetos parciais: o seio, as fezes, a voz e o olhar.

Assim, a fantasia se constituiria em causa e núcleo do sintoma, este que leva às narrativas do romance do sujeito. Com a teorização do real, a fantasia é formalizada como um matema, a partir da abordagem lógica de sua construção, uma lógica da fantasia. Comparece como uma montagem fantasmática pela relação de conjunção e disjunção entre elementos heterogêneos *S* barrado e objeto *a*; essa montagem teria por função velar a angústia em relação ao desejo do Outro e o real.

A partir dessa abordagem lógica, temos a construção da escrita fantasmática como um axioma “Uma criança é espancada” — que diz respeito a um ponto de partida ou a algo dado como princípio (Gianesi, 2011).

Pacheco (2008) nos diz que não há outro modo de o sujeito acessar o real, a não ser pelo casamento fictício entre o saber e a verdade implicado na fantasia, fictício por conta da barreira do gozo. E é pela via da análise que será possível promover a construção e a travessia da fantasia fundamental, a qual fixa um valor de verdade para o sujeito.

Sobre a verdade e o gozo, no *Seminário: encore*, Lacan (1972-1973/2010) estabelece a relação entre a verdade e a mulher, a partir da formalização do gozo não-todo fálico, apontando a impossibilidade de a verdade ser toda dita. Assim, a verdade teria a condição de ser apenas semidita com uma estrutura de ficção. Por isso, Lacan recorre à lógica e à topologia, na tentativa de escrever essa impossibilidade de dizer por completo a verdade, em uma escrita distinta daquela identificada na fantasia fundamental, ao promover um avanço na escrita das fórmulas da sexualização e do nó borromeano.

Essa impossibilidade reside no fato da inexistência da metalinguagem e, por isso, “que se diga permanece esquecido atrás do que se diz no que se ouve”, conforme Lacan (1972/2003, p. 448) nos traz em *L’étourdit*, ou seja, no percurso de uma análise, que é a própria construção da fantasia, extrai-se o “que se diga”, um dizer que se endereça à verdade da fantasia.

Assim, ao pensarmos na direção do tratamento, com a interpretação, seria possível desfazer essa coalescência entre *S* de *A* barrado e o objeto *a* [*S(A)* e *a*]? E quais os efeitos dessa abertura, dessa hiância, para o analisante?

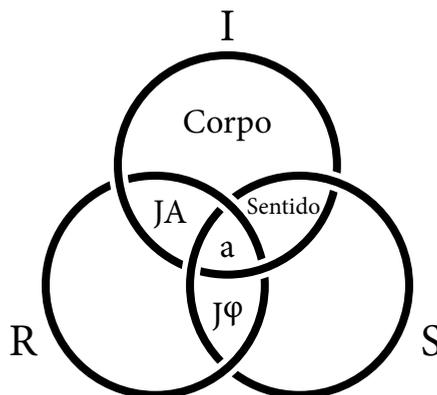
O *S* de *A* barrado [*S(A)*], que representa a inconsistência do Outro, apresenta uma coalescência entre *S* de *A* barrado e o objeto *a*, em sua versão mais-de-gozar

como o real na estrutura, e diz respeito ao *mais ainda* na estrutura, que Lacan formalizará como o gozo feminino, Outro gozo, suplementar (Pacheco, 2010). No *Seminário 16: de um Outro ao outro*, Lacan (1968-1969/2008) demonstra a inconsistência do Outro e a impossibilidade de universo do discurso, o que é norteador para a operação do analista e a direção de uma análise.

No tempo de compreensão e impasse da travessia da fantasia, podemos trazer a hipótese de o corpo produzir um agravamento de um fenômeno psicossomático como resposta a esse momento crucial? Essa travessia evidencia a coalescência entre S de A barrado e o objeto *a*, escancara a inconsistência do Outro e produz mal-estar diante da hiância.

Parto da tese do fenômeno psicossomático como letra inscrita no real do corpo, como aquilo que não cede à interpretação, como um gozo específico no campo do Outro e como continuidade entre os registros do real e imaginário de modo estrutural, como é apresentado por Garcia (2021). Esse fenômeno denota uma falha na amarração do nó borromeano, em que duas consistências se reduzem a uma só: imaginário-real. Nesse caso, nem haveria uma amarração borromeana, porque, para que ela exista, é preciso, no mínimo, a amarração entre os três elos: real, simbólico e imaginário (RSI), e a delimitação de furos onde se localizem os modos de gozo. Nesse caso, o sujeito sai de cena, encontra-se afanizado na cadeia significativa por conta da holófrase no primeiro par de significantes S_1-S_2 , o que, inclusive, não é exclusividade da psicose. É similar a uma passagem ao ato, mas, nesse caso, como uma passagem direta ao corpo. Além disso, não há como sustentar a tese do fenômeno psicossomático como um *sinthoma* tal qual uma solução para amarrar o nó borromeano, porque ele não delimita os furos com uma correção, mas, ao contrário, desnoda, segundo Garcia (2021).

Figura 1. Nó borromeano.



Fonte: Lacan (1974).

Esse fenômeno psicossomático guarda um parentesco com o gozo, mas um gozo situado no campo do Outro, que remete à letra, ao indizível do real do corpo. Um fenômeno que se manifesta no corpo, esse que comparece enquanto borda para o indiscernível. Essa seria minha hipótese nesse processo de travessia da fantasia, um agravamento do fenômeno psicossomático, para não permitir que a angústia fale, pois dela é possível extrair uma certeza, pela via do saber, do desejo de saber.

Pelo fato de termos implicado um gozo específico no campo do Outro, o gozo do Outro, no fenômeno psicossomático, penso que a operação do analista deve ir na direção da nomeação, de fazer passar esse gozo do Outro, de um fenômeno como letra não interpretável, para o gozo fálico, aquele próprio ao sintoma neurótico, circunscrito e que cede à interpretação do analista para acessar o gozo do sentido (Laboissière, 2021). Abre-se, então, a possibilidade de novamente interrogar a significação fálica e seu valor de verdade implicados no sintoma, para acessar algo do Outro gozo, mas pela via de outra lógica, a paracompleta, a qual suspende o sentido, cria uma significância e a abertura para um novo sentido e uma nova amarração borromeana por meio do *sinthome*, o quarto elo, que amarra os três registros RSI e delimita os furos do enodamento, permitindo a localização do gozo para o sujeito.

Essa operação analítica, que articula lógica e topologia, nos dá notícias de que é preciso recorrer a esses campos para pensar a direção de uma análise e a possibilidade de travessia da fantasia e seus efeitos. A hipótese é de que um dos efeitos é esbarrar no limite do corpo. Sinal desse limite é a angústia, o impossível de dizer. Mas há que fazê-la falar. E, nessa aposta, o fenômeno psicossomático pode entrar em cena, para tentar suturar a fenda no quadro da fantasia.

Askofaré (2011) ressalta que essa fantasia diz respeito à descentralização promovida em relação à ordem simbólica, a qual apareceu menos autônoma em seu funcionamento. Já desde Freud, sabe-se que o sintoma tem um sentido (*Sinn*) — assim como o sonho —, de modo a portar uma significação ou referência (*Bedeutung*) fálica, que diz respeito à fantasia, a qual vela o real ou, em outros termos, a “fixação pulsional” (Askofaré, 2011, p. 222), ou fixação de gozo como marca e escrita. Observa-se, então, uma orientação do simbólico ao real na abordagem do sintoma.

A partir desse movimento, teríamos a redução, que é o esvaziamento do próprio valor de verdade da significação fálica da fantasia, a partir da experiência analítica. É o momento em que o sujeito pluraliza os sentidos, não se restringindo a um simples encadeamento de significantes, de modo a acessar o fora do sentido ou produzir um efeito de suspensão de sentido, o que leva o sujeito a gozar de seu inconsciente (Askofaré, 2011).

Desta feita, o sintoma está articulado com a escrita da fantasia como uma escrita do impossível. No seminário *Problemas cruciais da psicanálise*, Lacan (1964-

-1965/2006) aborda a compreensão de Serge Leclaire de que a fantasia fundamental estaria condensada no nome próprio do sujeito — o qual poderia ser interpretado tal como um sonho —, de modo a tecer uma crítica a essa elaboração, pois enfatiza que a fantasia não pode ser interpretada, mas, sim, construída, formulação que pôde ser estabelecida já desde Freud (Pacheco, 2014).

Lacan (1966-1967/2008), como citado por Pacheco (2014), debruça-se na lógica para abordar a fantasia, como uma formalização da realidade no nível da estrutura de linguagem, a qual retorna a conceitos como o de sujeito e o de objeto, mas, ao mesmo tempo, já preparando o alicerce para sua formalização da lógica do não-todo em anos posteriores. Ele afirma: “a lógica à qual nos propomos supõe que não há outra entrada para o sujeito no real que não a fantasia” (Lacan, 1966-1967/2012 citado por Pacheco, 2014), o que demonstra que estava interessado em abordar a relação entre a verdade e o significante. Cito a autora:

Trata-se, antes, de indagar a relação da verdade com o significante pela via da fantasia enquanto escrita do impossível — tal como nos paradoxos lógicos —, e seu valor de verdade para o sujeito. A fantasia, desse modo, é uma produção do sujeito que, em um só tempo, tampona o Real como impossível e aponta para ele, escrevendo essa mesma impossibilidade em uma fórmula que tem valor de verdade para o sujeito. (Pacheco, 2014, p. 25)

Então, Lacan desloca o debate do plano da realidade para o da verdade. A relação da verdade com a fantasia está relacionada com o objetivo de Lacan de promover uma matematização para a transmissão do real.

Além disso, para Lacan, se, por um lado, a solução sintomática, o sintoma, que é singular para cada sujeito, ao fim da análise, não pode ser concebida como paradigma, por outro lado comparece, é testemunhada pela travessia da fantasia e pela construção de uma verdade pela via da interpretação (Iannini, 2012).

Não há como pensar nos efeitos da interpretação sem recorrer à lógica. Para tal, retomamos as articulações de Ramos (2016) sobre a lógica e a experiência analítica, quando interroga se o sintoma não estaria na paraconsistência, ou seja, na lógica paraconsistente, no sentido de que enoda, a partir da contingência, duas proposições contraditórias, que sustentam um valor de verdade e que podem ter o mesmo saber (Gianesi, 2016). Isso rompe com a lógica clássica da não contradição, para a qual, entre duas proposições contraditórias, uma deve ser falsa. E, por outro lado, se a interpretação, por operar com a suspensão de sentido e do valor de verdade do sintoma, e com a abertura para a significância, seria paracompleta, já que revela que as duas proposições contraditórias são falsas, de modo a apontar para o indecidível.

Ao fim de seu ensino, Lacan também ressaltará a relevância fundamental, para a psicanálise, da função poética da linguagem em sua interpretação, em que vai nos dizer que toda interpretação é poética, o que questiona o valor de verdade, presente na fantasia fundamental do sujeito, ao interrogar a significação e suspender o sentido. Parece que essa é a via possível de transposição do muro da linguagem, muro no qual temos a significação fálica e fixada na escrita da fantasia fundamental, que se demonstra no sintoma, em que se articula um valor de verdade para o ser falante (*parlêtre*).

De acordo com minha hipótese, a interpretação do sintoma como suspensão de sentido desnoda e poderia agravar um fenômeno psicossomático como resposta ao mal-estar, como certa manutenção da paixão pela ignorância em torno da fantasia fundamental do sujeito e de seu valor de verdade, esta que é sempre semidita, sempre acessada como não-toda. Assim, penso na nomeação, porque amarra como direção de tratamento diante desse fenômeno. Seria um processo concomitante de desnodamento e enodamento, interpretação e nomeação: interpretação, para suspender sentido pelo equívoco, interrogar essa verdade, e nomeação, para dar borda à angústia, suportá-la, para que o corpo pare de falar pela via do fenômeno psicossomático e volte a falar pela via da angústia, pela via do sujeito do inconsciente, interrogando a significação fálica e abrindo para o indecível, já que o real insiste. Como nos diz Rita Lee em *Coisas da vida*: “Eu não tenho nada pra dizer, por isso eu digo”.

E surge também outra questão para investigações posteriores: essa nomeação que amarra em busca da invenção de um *sinthome* estaria também na lógica paraconsistente, onde é possível enodar proposições contraditórias com um valor de verdade e com o mesmo saber? A designação como passador dentro do dispositivo do passe — dispositivo situado no coração da Escola de Lacan — teria efeito de nomeação para o analisante que está nesse atravessamento da fantasia e momento crucial de análise? Ou estaria dentro de outra lógica? Fico com essa questão por hoje.

Referências bibliográficas

- Askofaré, S. (2011). Figuras do sintoma: do social ao “individual”. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, 3(1-2), 209-223.
- Freud, S. (1969). Bate-se numa criança. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Garcia, J. (2021). *O fenômeno psicossomático e o objeto a* (1a ed.). Curitiba: Appris.
- Gianesi, A. P. L. (2011). *Causalidade e desencadeamento na clínica psicanalítica* (1a ed.). São Paulo: Annablume.

- Gianesi, A. P. L. (2016). O ideograma e a montagem/colisão: o forçamento e o decantado canto. *Stylete Lacaniano*, 5, 5.
- Iannini, G. (2012). *Estilo e verdade em Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Laboissière, M. (2021). *O corpo e o fenômeno psicossomático na psicanálise* (1a ed.). São Paulo: Zagodoni.
- Lacan, J. (1974). *A terceira*. Conferência pronunciada em Roma, em 1º de novembro, 1974 (Â. J. Ferretto et al., Trad.).
- Lacan, J. (2003). O aturdido. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (2006). *Seminário: problemas cruciais para a psicanálise*. Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Trabalho original publicado em 1964-1965)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original pronunciado em 1968-1969)
- Lacan, J. (2010). *Seminário: encore* (A. T. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana. Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola. (Trabalho original pronunciado em 1972-1973)
- Pacheco, A. L. P. (2008). O dote que o saber paga ao gozo (*la jouissance*) no casamento fictício com a verdade. *Textura*, 7, 9-12.
- Pacheco, A. L. P. (2010). Mapa do gozo: comentários introdutórios para uma leitura possível do Seminário Encore. *Livro Zero: Revista de Psicanálise*, 1(1), 39-50.
- Pacheco, A. L. P. (2014). *La letra: de la carta al nudo* (1a ed.). Medellín: Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín.
- Ramos, C. (2016). Paraconsistência e paracompletude do Lacan borromeano In A. P. L. Gianesi, B. H. M. Almeida, & R. B. Vogelaar (Org.), *Rede clínica* (1a ed., pp. 89-106). São Paulo: Escuta/Fórum do Campo Lacaniano.

Recebido: 01/12/2022

Aprovado: 15/12/2022